



RESENHAS LITERÁRIAS

José Maurício de Carvalho

PACKTER, Lúcio. **Filosofia Clínica**. Florianópolis: Garapuru, 2001.

No livro *Filosofia Clínica*, Lúcio Packter esclarece que os conteúdos teóricos ministrados nos cursos de graduação em filosofia podem ser direcionados à clínica, isto é, servirem para a terapia da pessoa. Não deixa de ser um propósito ambicioso porque, desde as origens gregas, o objetivo da filosofia é explicar o que é o mundo e nele descobrir o significado da presença humana. As ciências humanas experimentaram, a partir do século XIX, um contínuo processo de aproximação com as ciências naturais, mesmo sem deixar de possuir subordinação aos esquemas filosóficos. O estudo do comportamento é um campo que continuamente se aproxima da ciência. Como entender, então, o que pretende o autor?

Na proporção em que avançamos na leitura do livro, vai-se clareando o que o autor pretende, usar os conhecimentos de 2500 anos da história da filosofia a favor de uma relação de ajuda pessoal que tem roteiro específico. O ponto de partida é o reconhecimento de que aquilo “que uma pessoa sente, vive, afirma, imagina, faz – isso é assim para ela -, independente de ser compartilhado” (p. 27). No entanto, completa, o mundo é maior e mais complexo do que cada um de nós consegue perceber. Vivemos duas verdades, uma que brota da experiência pessoal, outra que é “a verdade convencionada, consensual, estabelecida em conjunto por todas as pessoas” (p. 32). No fundo, trata-se de dar consequência clínica ao problema que expressamos em *O homem e a filosofia*, pensar o significado da existência a partir do espaço cultural onde ela ocorre. O homem vive num meio que lhe ensina muita coisa e em cuja atuação amplia o patrimônio cultural.

O resultado da aplicação dessa investigação à clínica exprime-se no entendimento de que aquilo que é verdade para o indivíduo pode estar de acordo ou não com os dados oferecidos pela comunidade. O relato de pessoa é objeto de exame do filósofo clínico. A pessoa chega à clínica com alguma queixa. Ordinariamente, os fatos descritos nesse momento são confusos, desordenados, e o filósofo necessita organizá-los. Para fazê-lo, o filósofo realiza os denominados exames categoriais. O objetivo é “localizar



existencialmente a pessoa” (p. 43). Não se trata de classificar a pessoa através de um estereótipo qualquer, mas de chegar à biografia da pessoa. Fica claro que o exame categorial é procedimento para entender como a pessoa pensa o mundo, como se posiciona frente aos assuntos, circunstâncias, lugar, tempo, relação e outras categorias. As pessoas se situam diversamente em cada uma dessas categorias.

Para investigar como a pessoa se localiza em cada categoria, o filósofo clínico usa ferramentas diversas. Além de organizar os relatos (historicidade), ele emprega a lógica formal “que estuda os conceitos, os juízos e o raciocínio, além das leis do pensamento” (p. 58). Uma terceira ferramenta é a relação entre os conceitos e os dados sensoriais da pessoa. No empirismo inglês é que o filósofo vai apanhar os dados sensoriais que dão origem às ideias complexas.

Concluída a etapa dos exames categoriais, o filósofo parte para entender a estrutura do pensamento do partilhante, nome dado a quem procura os serviços do clínico. Estrutura de pensamento é “o modo como está existencialmente a pessoa” (p. 63). Na prática, significa verificar como estão associados sentimentos e entendimento, os dados éticos e epistemológicos e todos os elementos que integram o mundo de quem procura ajuda. Mundo, diga-se, são as condições geográficas, históricas, sociais e econômicas que cada existente vive de modo singular; mundo, portanto, no sentido que a fenomenologia existencial consagrou. Como o clínico irá proceder à investigação? Ele estará atento às suas relações com o partilhante.

As relações filósofo-partilhante, bem como a do partilhante com as demais pessoas, podem ser positiva, quando são agradáveis, negativas, quando são percebidas como ruins. No entanto, isso não esgota as interseções, pois o partilhante pode também estabelecer relações confusas, quando não sabe o que sente, ou de polaridade, quando ora gosta, ora não das relações que vive.

O autor menciona trinta tópicos que integram a estrutura da pessoa, mas examina apenas cinco. Um deles é o pré-juízo, “verdades que a pessoa tem antes de viver um acontecimento” (p. 71). Em seguida, Lúcio analisa como podem conflitar os diversos aspectos da estrutura de pensamento, além de dizer que as associações entre os itens que a integram são infinitas. Esclarece ainda que ela é móvel, isto é, “transforma-se e evolui a cada segundo durante toda a vida da pessoa” (p. 83). Chega assim à explicação da singularidade da pessoa. Cada homem é único porque sua estrutura de pensamento é singular. Como estrutura é algo relativamente fixo o conceito, não é o mais exato, ainda assim Lúcio o emprega com razoável conforto.



Depois desse extenso item 1, Lúcio examina, no item seguinte, o papel do filósofo clínico. Ele inicialmente faz os exames categoriais; em seguida, pesquisa a estrutura de pensamento e, somente depois, considera os problemas. No início dos encontros, ele vai traçando o modo como cada qual age, procura entender como o partilhante vive os problemas. Descobre que muitas vezes a pessoa usa armadilhas conceituais, isto é, cria roteiros para sua vida que parecem não se confirmar na prática. Vive então muito mal.

No item seguinte, o autor apresenta a noção de submodo e explica como ela se relaciona com a estrutura de pensamento. O que é o submodo? “É a maneira como informalmente a pessoa exercita aquilo que está nela” (p. 111). Os submodos são eficazes quando realizam o que a pessoa espera, são contraproducentes quando não o fazem, são desastrosos quando usam estratégias que não dominam, são ineficazes quando não encontram modos de expressão. Exemplos de submodos são a argumentação derivativa, “a que nasce das razões próximas de determinado evento” (p. 113), e o esquema resolutivo que é usar a mesma forma como a pessoa raciocina para resolver as questões mais urgentes que ela tem. O filósofo, contudo, não resolve os problemas pela pessoa. O que preside toda a atuação do filósofo clínico é a descoberta de que não existe um modo certo ou errado de viver; logo, não há normais e doentes, apenas pessoas diferentes. Algumas necessitam reconstruir sua trajetória na vida. Então, a partir dos fragmentos que conhece, o filósofo vai ajudá-la a fazê-lo. Outras não, a pessoa não suporta voltar ao que já viveu, não cabe ao clínico obrigá-la.

Como aspectos mais característicos da prática clínica, o autor cita três elementos: a ausência de tipologia, de critérios médicos como doente e saudável e dos medicamentos. A técnica não se destina a pessoas que não exerçam a cidadania. Ela se vale do patrimônio teórico que a filosofia acumulou em quase dois mil e quinhentos anos de história.

Completam o livro, como anexos, o código de ética da atividade clínica e um parecer jurídico relativo à legalidade da atividade.

Em que pese o caráter introdutório da obra, pode-se verificar que o autor organiza as orientações para uma relação de ajuda que vê o passado filosófico à luz das descobertas da fenomenologia e da compreensão contemporânea da vida. Não se trata propriamente de uma terapia, mas de um ordenamento de experiências e conhecimentos que permitam traduzir para as relações pessoais o entendimento que nosso tempo formou da vida humana. A clareza e a coerência da exposição explicam o sucesso que a atividade vem alcançando, embora muita coisa ainda necessite ser esclarecida e pesquisada.



PACKTER, Lúcio. **Ana e o Dr. Finkelstein**. Florianópolis: Garapuvu, 2003. 113 p.

Este livro relata as dificuldades existenciais de uma jovem de nome Ana e do processo de acompanhamento psicoterápico realizado por um terapeuta experiente, o velho Dr. Finkelstein. O livro é a história de uma vida olhada do lado de dentro. A caracterização da personagem central decorre de um mergulho no mundo dela. Descobrimos que Ana mora na casa de seus tios, que se trata de uma família judia típica, que seu tio é um homem de poucas palavras e sua tia tenta lhe dar apoio e carinho. Aos poucos percebemos que Ana não sabe lidar com seu mundo interior. Ana tenta suicidar-se, passa um tempo internada. Esse fato preocupa seus tios e é o motivo imediato da contratação do Dr. Finkelstein.

O tratamento de Ana é a trama do livro. O primeiro encontro com o terapeuta realiza-se em sua casa. Ela escolhe a biblioteca como o local para esse primeiro encontro porque parece bem familiarizada com o local. Ali reunidos, o terapeuta e a jovem acertam os passos seguintes do processo e planejam os futuros encontros. Não se detalha como o Dr. Finkelstein começa a explorar o mundo da jovem, mas na perspectiva de Ana aquele era um terapeuta diferente dos que ela conhecia. Ele não falou em remédios que ela julgava, naquele momento, parte essencial do tratamento. A surpresa aumentou ainda mais no encontro seguinte, pois ela foi informada pela tia que o Dr. Finkelstein a aguardava no jardim. Não que o jardim fosse um ambiente estranho para Ana, mas o que ele poderia querer num jardim? Ela o esperava encontrar na biblioteca, mas foi ver o terapeuta onde ele a aguardava.

Ao ir ao encontro do Dr. Finkelstein Ana procura imaginar como seriam esses encontros. O silêncio com que o Dr. Finkelstein a acolheu a incomodou. Ela perguntou-se se ele permaneceria assim, se a técnica era essa. Ele explicou que algumas vezes permaneceria em silêncio, mas outras vezes tomaria a iniciativa do diálogo. O terapeuta começou, então, a conversar sobre um assunto aparentemente banal. Desejava saber quais os cuidados que o jardim demandava para estar bonito e cheio de vida. Ana explicou alguns dos procedimentos usuais, mas sem perceber que era possível falar da atenção aos vegetais e ter em conta o cuidado necessário com os seres humanos. Ela não percebe que aquela conversa sobre plantas e formigas tivesse relação com o que se passava no seu mundo. O terapeuta inicialmente também não acena nesta direção. Ele apenas continua a conversa parecendo muitíssimo interessado naquele espaço verde que contornava a casa.



Tanta atenção para as formigas e as plantas acabaram por irritar Ana. Terminado o encontro partiu o Dr. Finkelstein partiu tranquilamente.

Apesar do desconcerto, Ana já aguarda com expectativa o próximo encontro. Ele ocorre na zona leste da cidade num pequeno bosque com um lago no centro, a descrição do local nos leva a um belo parque destes que a gente deseja que todas as cidades possuam. Ana e o velho terapeuta caminham juntos em torno do lago e isto lhe agrada. Tal sentimento de satisfação íntima não lhe era habitual e ela fica irritada com a experiência. A conversa entre eles não fugiu aos temas ecológicos: jardins, formigas, lagos. No entanto, naquele momento da história de Ana, o terapeuta sugere existir uma relação entre aspectos da natureza e o universo interior das pessoas. Ana não contradisse o velho terapeuta e aceita utilizar as imagens metafóricas para dizer de seu lado interior. Fala um pouco, porém reluta em aprofundar tais questões. Aos poucos vamos descobrindo que ela fala com muita dificuldade do que se passa com ela. Ela parece conhecer um pouco sobre psicoterapias verbais. Vamos descobrir então que ela teve um período internada numa clínica de repouso ou algo parecido em decorrência de uma tentativa de suicídio. Em resumo, sentir-se presa a um modelo tradicional de tratamento lhe incomodava. Vamos percebendo que ela tem dificuldade de colocar para fora a riqueza de seu mundo.

Um novo encontro foi acertado para a semana seguinte, mas antes dele ocorrer Ana preparara uns desenhos e os envia ao Dr. Finkelstein. As perspectivas de revelação sobre o mundo de Ana começa a mudar. Ao encontrá-lo na sessão seguinte, Ana lhe diz que seus desenhos traduzem o seu universo interior, que através deles consegue dizer um pouco mais fácil o que se passa com ela. O terapeuta pergunta-lhe se ela associa o assunto dos desenhos com as conversas dos encontros anteriores. A resposta não sai de pronto, mas fica-se com a impressão de que assim parece a Ana. Ela leva outros desenhos para este encontro e o Dr. Finkelstein os examina com cuidado que só os grandes terapeutas sabem fazê-lo. Olhar a alma das pessoas de qualquer ângulo é uma tarefa sempre difícil. Naquele encontro Ana começa a desenhar e o faz de um modo tão intenso que tudo que se passa a volta perde importância. “A biblioteca ganha, desta maneira, sua verdadeira vocação que para Ana é a de ser um ateliê” (p. 33). Havia três anos que ela parara de desenhar e ocorre naquele encontro uma profusão de desenhos. Ela permanece completamente entregue a seu trabalho durante tanto tempo que nem percebeu que o Dr. Finkelstein a um certo momento levanta-se e vai-se embora. Mais tarde sua tia vai até a biblioteca e percebe o envolvimento da sobrinha com toda aquela atividade. Não deixou



de ficar contente, mas sentiu um certo acanhamento diante do que o terapeuta podia pensar de tudo aquilo. É que a lógica das pessoas comuns não é a dos terapeutas que aprendem a olhar o mundo de cada um com respeito e generosidade.

O Dr. Finkelstein viajou para uma mesa de estudos e não marcou um novo encontro para as semanas seguintes. Ele deixou um endereço para contato. Durante este período afastados, Ana escreveu-lhe uma longa carta. Na correspondência fica evidente que ela sentia-se tocada intimamente, relatava toda a confusão de seus sentimentos. Ela estava grata ao terapeuta, mas ao mesmo tempo odiava-lhe por ele estar revirando sua intimidade e expondo tudo quanto ela tinha enorme dificuldade de lidar. A confusão interna na qual vive a jovem, parece-lhe uma forma de loucura, embora paradoxalmente considerasse “a loucura a melhor maneira de se mostrar saudável” (p. 41). Ana lutou muito consigo mesma até decidir remeter a carta contendo tantas contradições. Como tudo aquilo ela complicado e doloroso. Tantas angústias, múltiplas dúvidas, atozes incertezas. A carta continha evidentes choques entre sentimentos opostos, tônica de um mundo desarrumado.

Os encontros recomeçaram vinte dias depois, quando o inverno e os ventos gelados já haviam mudado o espaço geográfico onde Ana vivia. Ela estava especialmente animada para encontrar o Dr. Finkelstein, mas igualmente angustiada por enfrentar as contradições nas quais se via mergulhada. Não estava certa de que o terapeuta houvesse recebido suas cartas, e ainda havia a possibilidade dele simplesmente nada mencionar ainda que a tivesse recebido. Talvez ele não tivesse se dado conta do seu esforço para lhe dizer aquelas palavras. Ana percebia que algo estava diferente, mas era-lhe muito difícil admitir isto. Não se contendo, ela acaba perguntando ao terapeuta pela carta. Por sua vez, o Dr. Finkelstein parece não tratar diretamente o texto da carta. Ele toca num assunto delicado, há muitas formas de alguém ser mãe. Ele explica que a maternidade não se restringe a gerar, mas implica também em dividir a vida e cuidar. A conversa não teve diálogos longos, o encontro foi marcado também pelo silêncio. A biblioteca estava suavemente aquecida, todo o clima do ambiente ajudou muito naquele momento. Este era um assunto difícil para Ana que era criada pelos tios. Ela parece incomodada com o fato de viver com tios e não com seus pais. Suas emoções estão a flor da pele. Mais tarde descobriria que não poderia ter filhos, mas esta frustração não lhe causa um impacto tão profundo como seria de se esperar.

Nos dias que se seguiram dedicou-se ainda mais desenhar. A vê-a ocupada tão ocupada, a tia assumia as tarefas da casa. Ana trabalhava freneticamente. Desenhava e



destruía, com as partes dos desenhos destruídos montava esculturas e elaborava novos desenhos. Toda aquela função preocupava os tios, mas Ana ia levando seus afazeres com aparente tranqüilidade. Pelo menos parecia segura do que estava fazendo e aos tios apresentava toda aquela função como parte do tratamento com o Dr. Finkelstein. Ana sentia na preocupação dos tios uma forma de loucura que completava a sua própria e divertia-se com a idéia de que todos eles iriam juntos para o hospício. A família estava toda ela mal, avalia Ana na ocasião.

No encontro seguinte com o terapeuta, Ana começa a montar textos escritos com os pedaços de livro que recortava. Ele se expressa não só com desenhos, mas também com palavras. Embora os trechos viessem de livros distintos “juntava os recortes de um jeito que eles traziam sentido a quem os lesse” (p. 66), o mundo de Ana ia aparecendo lentamente. As palavras misturavam-se aos desenhos e ela também moldava esculturas de papel. Era através desta expressão plástica, somada a palavras recortadas que ela informava ao terapeuta todas as suas angústias e inseguranças, tudo o que se passava em seu mundo. Ana tinha a viva impressão de que Dr. Finkelstein podia entendê-la através de suas obras e que “podia respirar, pensar e agir como tantas vezes ela o fazia” (p. 68). O texto deixa ver a importância do terapeuta compreender adequadamente o que se passa com quem ele atende, do terapeuta conhecer o aquele mundo com todo respeito e cuidado, de mergulhar nele sabendo como as coisas ali estão arranjadas. A atitude parece-nos aquela apontada pela fenomenologia para renovar as práticas psicoterápicas, o envolvimento existencial seguido do distanciamento reflexivo que propicia ao terapeuta, compreender corretamente a vivência da pessoa.

A história de Ana contempla a ida uma sinagoga com seus tios para um casamento. Ela tinha especial dificuldade para lidar com casamentos. Família, sentimento, envolvimento emocional era tudo muito difícil no mundo de Ana. Ana não estabelecia relações afetivas com jovem algum e aquelas ocasiões somente acirravam suas dificuldades. Toda insinuação de que Ana também precisava casar-se lhe trazia grande desgosto. É claro que isto preocupava os tios. Ana apresenta o fato ao Dr. Finkelstein e percebe, junto com ele, que seu mal estar podia se repetir noutros espaços sociais e situações, isto é, ia além da sinagoga ou dos casamentos. Neste momento do processo as intervenções do terapeuta estão cada vez mais próximas do que Ana já percebia e conseguia escrever em seu diário. Estavam tão envolvidos que Ana imaginava que o terapeuta lia seu diário, embora estivesse certa de que ele não tinha como fazê-lo.



A vida de Ana está mudando. Ela começa a sair com um jovem banqueiro José Maffma sem nada comentar com os tios, que por sua vez fingem ignorar o namoro. Ana sabia que os tios somente simulavam o desconhecimento e ela própria fingia acreditar na ignorância deles. Vivia-se um conjunto de simulações, pois envolvia uma dificuldade fundamental de Ana. O namoro tornou-se assunto da terapia. Maffma era um rapaz distinto, devagar e tranquilizava Ana, não a ameaçava como outras relações. É verdade que ela não se entusiasmava com a conversa dele, mas aos poucos notou que o calado banqueiro se transformava quando desenhava e tinha oportunidade de falar dos desenhos. Mesmo quando o assunto não a interessava, a forma como Maffma se expressava parecia-lhe cativante, familiar. Num dos dias em que saíram, a conversa dos dois sobre prédios religiosos e muralhas de antigas cidades prolongou-se até o amanhecer. Um encontro que inicialmente parecia fadado ao fracasso, com um assunto estranho tornou-se interessante. Qual a razão da transformação? Maffma desenhava com extrema habilidade e discutia cada parte da construção com desenhos muito interessantes. Este modo como Maffma se comunicava atraiu Ana, era muito parecida com a sua maneira de se expressar.

A família de Ana readquiriu uma relativa calma. Seu tio estava feliz com o namoro de Ana e a tia voltou a se ocupar com as atividades da igreja. Ana deixa de ser uma preocupação para os tios na medida em que assume um comportamento mais comum, ou esperado para os jovens. Neste momento da terapia o Dr. Finkelstein afastou-se para um novo Congresso e ao seu retorno encontrou Ana temerosa de piorar durante suas ausências. Contudo, ambos sabiam intimamente que isto não ocorreria. Naquela etapa do processo já parece existir uma maravilhosa cumplicidade, ou uma interseção positiva havia se formado entre eles. A melhora de Ana entusiasma os tios que julgavam suas dificuldades existenciais coisa da juventude, mas temiam que Ana se demorasse tempo demais nelas perdendo a chance de um bom casamento e de relações de amizade necessárias para a vida.

O sucesso da relação com José Maffma era manter os assuntos num nível que lhe parecesse familiar, do contrário o jovem era muito reservado. Ana tornou-se habilidosa em relacionar-se com o jovem.

Numa das suas viagens, o Dr. Finkelstein escreveu-lhe uma carta. Contou-lhe que deixara um pacote para ela, mas nada mencionou do conteúdo. Ana ficou muito curiosa, mas aguardou o momento de recebê-lo fingindo indiferença. Estava ansiosa demais no momento em que foi apanhá-lo com a Sra. Finkelstein. Mais tarde em casa, ao abrir o pacote, deparou-se com um conjunto de seus próprios desenhos. Eles estavam



arranjados, amassados e escritos. Haviam sido cuidadosamente estudados. Ao se ver frente aos seus trabalhos devidamente ordenados a sua vida passou-se em sua mente como um filme. Enquanto relia seus diários e olhava os desenhos arrumados, ela reflete sobre os fatos que a levaram à internação três anos antes. Todos os encontros com o Dr. Finkelstein também estavam vivos e palpantes na sua memória. Ana não percebera ao longo do processo que todas as suas manifestações afetivas, dúvidas e valores se expressavam nos seus desenhos. Arrumá-los como fizera o terapeuta significava dar-lhes organização. Naquele dia ela ficou até tarde repensando e avaliando os fatos de sua vida.

Depois desta experiência, Ana ainda encontrou o Dr. Finkelstein outras três vezes. Percorreram juntos alguns lugares em que haviam estado nos primeiros encontros. Ana descobrira um modo muito próprio de lidar com suas angústias. Ela já não precisava mais do terapeuta “para aquelas ações nas quais ela mesma fazia as perguntas e ela mesma respondia conforme vinha sendo” (p. 112). No último encontro acertaram que iriam se ver depois do verão, para verificar como estava a vida. Caminharam juntos e fizeram o silêncio agradável nascido da cumplicidade que se estabelecera na bela intercessão que entre eles se estabeleceu.

Lúcio Packter nos coloca neste livro diante de uma jovem cuja forma de se manifestar aos outros era primeiro o desenho e depois a palavra. Ele mostra que ela se tornou livre de suas contradições e choques na estrutura de pensamento quando deu conta de se organizar intimamente. Isto só foi possível quando ela aprendeu a lidar com o seu modo de se expressar. A partir de então seu mundo adquiriu coerência e direção, os choques na estrutura de pensamento perderam força pois a jovem aprendeu a lidar com eles.